

## DO TEXTO IMPRESSO AO HIPERTEXTO DIGITAL: O FAZER LITERÁRIO NA ERA DA CIBERCULTURA<sup>1</sup>

## THE PRINTED TEXT TO DIGITAL HYPERTEXT: LITERARY DO IN THE AGE OF CYBERCULTURE

Adoniran Oliveira Leite<sup>2</sup>

**RESUMO:** Na era da cibercultura, na qual, a escrita assume novos papéis, um estudo sobre práticas de leitura com o texto literário em suporte multimídia e sobre o ensino de leitura, aplicada a alunos no ensino fundamental da educação básica, torna-se necessário. Com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC), surgem novas configurações de manuseio nos suportes onde os textos aparecem, fazendo com que esses mesmos textos assumam novos formatos, possibilitados pelo hipertexto digital, ou seja, um processo de escrita/leitura, agora não mais obedecendo a critérios exclusivos de linearidade, mas apresentando-se de forma não linear e não hierarquizada, permitindo ao leitor o acesso ilimitado a outros textos de forma instantânea. Este trabalho discute como o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação e do hipertexto pode ser aliado ao ensino da leitura do texto literário, utilizando-se, para tanto, estes recursos como ferramentas capazes de despertar no aluno o prazer da leitura literária. Para a fundamentação teórica, citam-se discussões sobre o hipertexto (LEVY, 1999; XAVIER, 2009; MARCUSCHI, 2010); sobre a literatura eletrônica (HAYLES, 2009) e sobre o papel da leitura e do leitor no formato hipertextual (SANTAELLA, 2004; 2007; 2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** hipertextualidade; leitor; literatura eletrônica; novas tecnologias.

**ABSTRACT:** In the age of cyberculture, in which writing takes on new roles, a study on reading habits with the literary text and multimedia support on teaching reading, applied to students in elementary school of basic education, it is necessary. with the advent of new information and communication technologies (NICT), there are new handling settings in brackets where the texts appear, making these same texts assume new shapes, made possible by digital hypertext, so a process of writing/reading, no longer obeying the sole discretion of linearity, but presenting non-linearly and non-hierarchical, allowing the reader unrestricted access to other texts instantly. This paper discusses how the use of new information technologies and communication and hypertext can be combined with the literary text reading teaching, using, therefore, these resources as tools able to awaken in students the pleasure of literary reading. For the theoretical foundation, are mentioned discussions on hypertext (LEVY, 1999; XAVIER, 2009; MARCUSCHI, 2010); on electronic literature (HAYLES, 2009) and the role of reading and reader in hypertext format (SANTAELLA, 2004; 2007; 2012).

**KEY WORDS:** hypertextuality ; reader. electronic literature; new technologies.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho é parte da dissertação de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS “Leitura, Literatura e Hipertexto: as possibilidades didáticas de um texto literário em ambiente digital”, sob a orientação do professor Dr. Paulo de Assis de Almeida Guerreiro. UNEB, Campus V – Santo Antônio de Jesus.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: [adoni.icc@hotmail.com](mailto:adoni.icc@hotmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

As formas de interação entre o homem, ser social, com o mundo da escrita vêm se modificando a cada instante, e, em pleno século XXI, surgem, como caminho para essa interação, recursos disponibilizados pelas novas tecnologias, ferramentas capazes de proporcionar comunicação e informação, em frações de segundos, a um número cada vez maior de indivíduos, usuários da rede mundial de computadores – a *internet*. Com a utilização quase maciça, pelos diversos grupos sociais, desse artefato, aliada ao avanço dos aparelhos eletrônicos da informática e da telefonia móvel, nos quais os aparatos comunicacionais são unificados em um único suporte, comunicar-se, seja por meio da escrita, da imagem ou da oralidade, tornou-se tarefa corriqueira e de fácil realização.

Nesse novo modelo de interação social por meio de recursos digitais, a maioria dos textos que agora permeiam as conversas informais e até mesmo as formais tem sua origem não mais em um papel impresso, mas assumem formas diferentes, adequadas agora aos suportes digitais. Citamos como exemplo desse novo modelo textual, os hipertextos que se presentificam na rede mundial de computadores como um modo de enunciação digital.

O hipertexto deve ser visto como o *locus* de processos virtuais que dá vida ao modo de enunciação digital. Este, por seu turno, é uma forma singular de enunciar, isto é, uma maneira própria de dispor, compor e superpor, entrelaçadamente em uma mesma plataforma enunciativa, os recursos semióticos de natureza linguística e não-linguística -, fato este que o torna distinto da escrita alfabética, ainda que dependente e profundamente nela enraizado (XAVIER, 2009, p. 92).

Desde as últimas décadas do século passado, as discussões sobre o uso do computador e das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), doravante denominadas NTIC, no âmbito educacional são efervescentes. Aliar o uso de ferramentas contemporâneas da pós-modernidade com o tradicionalismo que ainda marca o processo de ensino desenvolvido na grande maioria das escolas de Ensino Fundamental não é fácil, uma vez que, mesmo que muitas pesquisas sejam feitas sobre como se estabelece essa relação, uma incompletude marca esse caminho, já que lidar com o novo, com o pós-moderno em sala de aula é tarefa que muitos docentes ainda não querem enfrentar.

## 2. DA LEITURA IMPRESSA À DIGITAL

Com o advento da *internet*, na década de 1960, e do uso acelerado de computadores e outros artefatos que remetem ao mundo digital, vê-se o texto literário ganhar novos moldes no fazer escrito e novas formas nas maneiras com que “aparecem” para seus leitores, exprimindo seu caráter social, paralelamente à necessidade que o homem, ser social, tem de se comunicar, expressar sentimentos e pensamentos, permitindo que este aperfeiçoasse as diversas formas que encontrou para se comunicar.

O aperfeiçoamento das relações comunicativas e da escrita, por meio das quais se manifesta o texto literário como expressão da linguagem, fez com que o homem documentasse suas reflexões e sensações.

Com o uso quase maciço da *internet* pelos diversos segmentos sociais, os suportes que agora “carregam” os textos literários distanciam-se dos modelos puramente impressos, e ganham novos espaços que, até pouco tempo não eram habitação desse gênero textual. Entende-se aqui como suporte “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação da materialização do texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174). O suporte, então, deve funcionar como algo real, mesmo que tenha uma realidade virtual, como no caso dos suportes trazidos pelos instrumentos tecnológicos, bem como pela rede mundial de computadores – a *internet*.

Promover uma nova maneira leitora, unindo a leitura literária e os novos suportes tecnológicos, sem desprezar, logicamente, o livro impresso e seu valor material, faz-se necessária.

Formar leitores de textos literários no contexto da era da imagem e da era da sofisticação tecnológica implica estar aberto à vinculação desses textos a diferentes suportes, utilizando-se linguagens de natureza variada. Abre-se um espaço para que formemos leitores mais críticos, capazes de interagir com essa pluralidade, sem que a literatura em sua forma tradicional de apresentação seja desprestigiada: o livro (ROSING, 1999, p. 166).

A presença dos textos literários em diferentes suportes que abrangem desde o livro impresso à rede mundial de computadores, configura a linguagem hipertextual, implicando na adoção de diferentes perspectivas de aprendizagem, que contemplem o novo perfil cognitivo, o do leitor imersivo (virtual). Isso indica uma necessidade de ressignificação também no ato de mediação da leitura literária, no papel docente, através do uso das ferramentas tecnológicas em rede.

Na leitura em suporte virtual, o leitor poderá escolher seus caminhos, tornar-se autor da própria coesão e coerência do seu ato de leitura, caminhando entre os segmentos textuais viabilizados pela quebra da linearidade textual, permitindo a inserção de marcas coesivas e de

coerência, orientadas pelos argumentos que o levaram a tal leitura. A fruição da leitura ocorrerá não mais de maneira linear, seguindo uma organização hierárquica de capítulos e seções. Tudo isso pode ser violado e permissivo pelos *links* que mesclam a tessitura textual virtual, os hipertextos.

O hipertexto não tem nem segue uma ordem canônica. [...] todo caminho escolhido pelo navegador no hipertexto define uma leitura igualmente convincente e apropriada, através da qual a relação de cada hiperleitor com o texto muda radicalmente. O hipertexto em rede não tem sentido único, mas apresenta multiplicidade significativa, sem a imposição de um sentido dominante (XAVIER, 2009, 175).

Não se pode esquecer, portanto, que nessa transposição, a literatura também vê seus escritos assumirem novos formatos dentro da perspectiva do ambiente virtual. As mudanças ocorridas pela literatura neste espaço incidem nas formas de editoração e publicação, abrindo possibilidades de contatos maiores entre autores, editores e, principalmente com os leitores, diferentemente da elucidada por Gutenberg, por volta do ano de 1439, quando promoveu um avanço com a impressão de livros.

Desde o século passado e início do século XXI, vemos uma mudança na escrita, tendo como pano de fundo a tecnologia e sua ascensão. A escrita vive atualmente uma nova fase de avanços, transpondo do suporte impresso do livro para o suporte virtual, todas as variáveis e gêneros possíveis, para uma nova realidade altamente influenciada pelos aspectos tecnológicos.

Na leitura digital existe a interface material. O leitor agora interage com o texto, dialogando com o mesmo, não apenas em caracteres referentes à interpretação e apreensão de significados, mas também na possibilidade de sua manipulação gráfica, tendo a possibilidade de alterá-lo, suprimi-lo, imprimi-lo. O leitor assume, algumas vezes, a função de revisor e editor, o que era impossível em um livro impresso, na leitura impressa.

Com esse diálogo, as obras literárias, por meio de um processo de simbiose, nutrem-se de elementos e representações do meio virtual<sup>3</sup>, transmutando todo seu contexto, suas ideias e formas, permitindo ao leitor tecer uma nova leitura, permeada pela multiplicidade de significações presentes no novo espaço de leitura.

---

<sup>3</sup> Entende-se aqui por meio virtual, um ambiente tecnológico possuidor de linguagens móveis e líquidas, imbricado por aspectos semióticos.

Essa multiplicidade de significações que invadem o fazer literário em ambiente digital remete aos pressupostos teóricos de Charles Sanders Peirce. Peirce, em seus estudos semióticos<sup>4</sup>, reitera que definições que contemplem significações e representações da linguagem, se moldam em uma ação triádica, tendo como elementos um signo, seu objeto e seu efeito interpretativo.

Dialogando com os ideais percieanos, Chartier (1994) vê esse novo espaço de leitura como superior ao proporcionado pela imprensa, pois transmuta não somente o modo de reprodução dos textos literários, mas principalmente, as estruturas e as formas de comunicação do suporte com seus leitores. “Com a tela, substituta do códex, a transformação é radical, pois são os modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificaram” (CHARTIER, 1994, p. 98), bem como as maneiras de se produzir e de se ler um texto.

Nesse modelo de produção literária – o eletrônico – os textos se apresentam virtualmente conferindo um novo parâmetro institucional à literatura, abordando transformações e inovações presentes na forma como essa produção se impõe como vertente da tradição literária. Além disso, precisam ser compreendidas as formas sobre como literatura e hipermídia são absorvidas pelos usuários, através de diversos componentes audiovisuais, multissemióticos, que alteram a monossímiose dos textos impressos, unindo-o às tecnologias do ciberespaço e ao aprendizado escolar da literatura.

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas (CHARTIER, 1999, p. 13).

Hoje, na chamada sociedade da informação (LEMOS, 2002), vive-se um tempo em que a comunicação mediada por computador e as questões de linguagem assumem um papel fundamental na vida pós-moderna ou, como denomina Lévy (1999) na “era da Cibercultura”. Corroborando o papel do uso da tecnologia e da *internet* na sociedade atual, Marcuschi (2010, p. 16) destaca que

[...] parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados.

---

<sup>4</sup> Ciência geral dos signos que estuda todos os fenômenos como se fossem sistemas sígnicos, ou seja, sistemas de significação.

A literatura, constituída como a arte do bem escrever, não está alheia a esta nova realidade, a da escrita eletrônica. Ainda, segundo o mesmo autor, “a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma cultura eletrônica” (MARCUSCHI, 2010, p. 17), que induz a outras formas de leitura, atrelada à existência do livro impresso. Na era pós-moderna, as tecnologias digitais, as memórias eletrônicas, as hibridizações, como afirma Santaella (2007, p. 330), abrem “ao artista e literato, horizontes inéditos para a exploração de novos territórios da sensorialidade e sensibilidade”.

Nesse ponto, insurgem ratificações sobre esse texto literário que tem ganhado espaço por meio dos veículos tecnológicos. Estes, por sua vez, absorvem o fazer da escrita (não todos os fazeres), e reconfiguram a literatura impressa para uma inovação: a literatura eletrônica.

A literatura eletrônica, geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido digitalizada, é, por contraste, ‘nascida no meio digital’, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador (HAYLES, 2009, p. 20).

Conceituar ou ainda historicizar tal concepção de literatura, se é que já se pode considerar a literatura eletrônica como um ramo da tradição literária, é verificar que a evolução dessa concepção se entrelaça à evolução dos computadores, desde o surgimento de tal artefato até à sua conexão com a rede mundial de computadores.

### 3. A LITERATURA ELETRÔNICA

Com o advento e propagação da revolução digital para o mundo dos livros, apresentando novas possibilidades de leitura por meio da ativação de percepções visuais, sonoras e cinéticas, aliando tudo isso “a absorção de diferentes aportes sígnicos numa mesma superfície de leitura” (XAVIER, 2010, p. 214), a literatura, então, suplanta o ambiente do livro impresso e chega às telas eletrônicas, mostrando que o livro impresso como é conhecido hoje, começa a perder espaço para novas maneiras de se ler e produzir literatura.

Tentando estabelecer limites entre o que é ou não literário dentro do viés da literatura eletrônica, Katherine Hayles destaca que:

Ao chamar essas obras “literatura”, meus coeditores e eu esperamos estimular as perguntas sobre a natureza da literatura na era digital. [...] Eu diria que, embora possamos desejar manter esse critério de arte verbal para a “literatura”, precisamos de uma categoria mais ampla que englobe o tipo de trabalho criativo em exibição na CLE. Proponho o termo “literário” para esse propósito, definindo-o como trabalhos artísticos criativos que interrogam os contextos, as

histórias e as produções de literatura, incluindo também a arte verbal da literatura propriamente dita (HAYLES, 2009, p. 22).

Vale nesse ponto destacar que essa preocupação a respeito do literário não é nova e nem surgiu a partir da efervescência das novas tecnologias.

Enquanto no suporte impresso o reconhecimento da literariedade<sup>5</sup> de determinadas manifestações escritas – e mais além, do próprio cânone literário – depende de fatores externos ao ato de escrita, como o nome do autor, a instituição em torno do livro, da tipografia e da reprodutibilidade dos textos, no ciberespaço, a atribuição do caráter da literariedade aos escritos eletrônicos partiria muito mais do reconhecimento dessas produções pelos demais usuários da rede, que leem e apontam essas manifestações como detentoras de um perfil literário.

O surgimento desses perfis se dá prioritariamente após a ampliação do acesso e uso da *internet* e dos computadores pessoais com alto poder de processamento, os quais têm aberto espaço para a criação de novas formas de literatura, as que se diferem ou se distanciam das formas produzidas a partir de um suporte conhecido: o códice impresso.

Nos últimos anos, a literatura eletrônica tem crescido tão rapidamente que, para determinados teóricos, já é possível determinar diferentes gêneros ou tipos textuais para esse novo modelo de produção literária. Por ser criada, alimentada e propagada dentro da ciberesfera<sup>6</sup>, a literatura eletrônica acaba se mesclando com outros elementos da cultura digital hodierna, entre os quais se destacam jogos de computador, animações, artes digitais, design gráfico e aspectos da cultura visual eletrônica.

Frente a essa mescla de semioses, Hayles (2009, p. 1), define as obras de literatura digital como “trabalhos artísticos criativos que questionam as histórias, os contextos e as produções de literatura, incluindo a arte verbal da própria literatura”. Para a autora, um dos papéis primordiais da literatura eletrônica é o fato de proporcionar reflexão sobre as estruturas por meio das quais é concebida. Dessa forma, não há mais como pensar o homem separado da máquina, pois ambos estabelecem um tipo de interação no qual os processos de geração de significados, interpretação e cognição não se centralizam mais no homem, mas estão imbricados na sua íntima relação com o computador.

#### 4. O HIPERTEXTO LITERÁRIO

---

<sup>5</sup> O conceito de *literariedade* poderia ser descrito como “[...] as propriedades dos textos (da organização do texto) e das convenções e pressupostos com que se aborda o texto literário” (CULLER, 1995, p. 54).

<sup>6</sup> Espaço virtual para a comunicação disposto por meio da tecnologia.

Na discussão sobre o hipertexto, o conceito que o define nesse estudo é o que ocorre prioritariamente *online*, nas atividades com o uso do computador, entendido como “um conjunto de nós ligados por conexões” (LÉVY, 1993, p. 33).

O termo hipertexto designa um processo de escrita/leitura não linear e não hierarquizada que permite o acesso ilimitado a outros textos de forma instantânea, apresentando-se ainda como um recurso de significativa importância no desenvolvimento da aprendizagem. Xavier (2010, p. 208), entende por hipertexto “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Marcuschi (2010, p. 31) destaca que o hipertexto “não pode ser tratado como um gênero e sim como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas”.

Apesar de fornecer a possibilidade de acesso imediato e instantâneo a vários textos e a várias leituras, “o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata” (XAVIER, 2010, p. 209).

O ato de ler essa forma híbrida e não linear de texto exigirá do usuário um esforço a realização de atos inferenciais, devido a sua deslinearização, determinando que o leitor seja mais ativo nesse processo, desenvolvendo habilidades ligadas à “riqueza dos modos enunciativos” (XAVIER, 2009, p. 175) dos hipertextos, a percepções das várias linguagens disponibilizadas no meio hipermediático.

Caracterizada “por sua capacidade de armazenar informação e, por meio da interação do receptor, transmutar-se em várias versões virtuais” (SANTAELLA, 2007, p. 49), a linguagem da hipermídia acontece em virtude da estrutura de caráter hiper, não sequencial e multidimensional proporcionar inúmeras possibilidades para o leitor imerso no ciberespaço. Discorrendo sobre as características deste texto virtual, Santaella (2007, p. 49) destaca:

Em vez de um fluxo linear de texto como é próprio da linguagem verbal impressa, no livro particularmente, o hipertexto quebra essa linearidade em unidades ou módulos de informação, consistindo de partes ou fragmentos de textos. Nós e nexos associativos são os tijolos básicos de sua construção. Os nós são as unidades básicas de informação em um hipertexto.

No campo dos estudos literários não se pode esquecer que o hipertexto sempre esteve presente na literatura. Trazida pela capacidade intertextual dos escritos literários, a hipertextualidade é representada pela instrumentalidade do texto literário que através dos diálogos



com outros escritos, com a própria cultura e com os fatos históricos que o permeia, remete o leitor a outros “acessos” por meio da leitura que realiza.

Após o surgimento da *internet*, com a celeridade das informações e da permissividade da produção e divulgação de textos, ao usuário da *internet* ou ao leitor de textos virtuais é possível acessar de forma mais contundente, diversos outros *links* que permitirão visualizar, de forma mais rápida e instantânea, essa hipertextualidade.

Feita a combinação entre hipertexto e a *internet* e tendo como limiar os efeitos de tal parceria, a definição de texto literário se modifica. O processo de leitura até então desenvolvido frente a um livro impresso é altamente modificado pelas ramificações e nós permitidos no ciberespaço. Freitas (2000, p. 162) destaca que

[...] é o hipertexto proporcionado pela cibercultura que permite uma nova forma de leitura/escrita, estabelecendo nós, ligações com outros textos e autores, criando linhas variadas e interpretativas, fundindo o texto com imagens e sons, concedendo a este uma dinamicidade que se concretiza na possibilidade de se realizarem diferentes percursos.

A materialização digital de diversos textos e a sua estrutura na tela eletrônica dissolve os limites do livro e dos demais formatos impressos, requerendo nesse momento a participação real do leitor, este, possuidor das características já destacadas acima.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões descritas nesse texto, podemos perceber que, por meio da aliança entre a metodologia utilizada pelo professor e a utilização das NTIC será possível motivar o aluno a adentrar o mundo leitor e a perceber que com as aptidões que possui em um meio informatizado, a leitura de um texto literário proporcionará a ele, uma leitura que vai além do que está escrito, levando-o a conhecer uma leitura que não mais é única, mais cheia de outros caminhos possíveis, multissemiótica (PINHEIRO, 2005).

O desafio que se coloca hoje é incluir a utilização das NTIC, do hipertexto e da literatura eletrônica na instituição escolar que, ainda resiste a disponibilizar no ensino que oferece aos alunos, a utilização dos recursos tecnológicos que são comuns no espaço extraescolar. Eximir o discente do uso desses artefatos na escola é enclausurar sujeitos que de modo eficaz, utilizam-nos em acessos diários às redes sociais e em conversas informais, via *web*, marcados pela fluidez e a mobilidade que permeiam os atos comunicativos em meio digital.

## 6. REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros*. Brasília: Ed. UnB, 1994.

CULLER, Jonathan. A literariedade. In: ANGENOT, Mark; BUSSIÈRE, Jean; FOKKEMA, Douwe; KUSHNER, Eva (orgs.). *Teoria literária: problemas e perspectivas*. Trans. Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 45-58.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Escrita teclada: uma nova forma de escrever?* Caxambu: ANPED, [2000]. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/1011t.PDF>>. Acesso em: 15 jan 2014.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literato*. Trans. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PINHEIRO, Regina C. Estratégia de leitura para a compreensão de hipertexto. In: ARAÚJO, Júlio César; RODRIGUES-BIASI, Bernadete. (org.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. *Do livro ao CD-ROM: novas navegações*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

XAVIER, Antonio Carlos. *A era do hipertexto: linguagem e tecnologia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*: novas formas de construção de sentido. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.